



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, SOCIAL E EMOCIONAL NA AQUISIÇÃO DO INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA NA INFÂNCIA

BORDIGNON, Ana Paula - estudante;¹
SCHWEDE, Gisele - orientadora²

Resumo: O bilinguismo está relacionado à compreensão e reprodução de duas línguas. O presente artigo objetiva discutir as influências da aquisição de uma segunda língua EM relação ao desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças na primeira infância. Com isso, busca-se contribuir incentivando o contato e o desenvolvimento da chamada L2 nos primeiros anos de vida, colaborando para o desvendamento de diversos mitos relacionados à temática. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa com a análise de artigos científicos publicados na plataforma de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), selecionados a partir da definição de critérios de inclusão e de exclusão previamente determinados, de modo a que o material incluído na pesquisa permitisse compreender de que forma aprender uma segunda língua na primeira infância influencia nos âmbitos cognitivos, sociais e emocionais das crianças. Com base na análise realizada, constatou-se que o bilinguismo infantil é vantajoso para o desenvolvimento pessoal ao longo da vida, pois tem resultados positivos com relação ao desenvolvimento global e a memória do indivíduo, facilita o processo de fluência e o aprendizado de outras línguas futuras, além de colaborar nas relações interpessoais ao adquirir habilidades comunicativas para se expressar e compreender diversas culturas e pessoas.

Palavras chave: Bilinguismo infantil. Desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Primeira infância.

1 INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre a importância do bilinguismo nos dias atuais. Esse conceito está relacionado à competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas, sendo elas

¹ Acadêmico de Pedagogia - Licenciatura; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Farroupilha, e-mail anabordignon01@gmail.com

² Professora orientadora - atuante na Pedagogia - Licenciatura; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Farroupilha, e-mail gisele.schwede@farroupilha.ifrs.edu.br



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

escuta, fala, escrita e leitura em uma língua diferente da nativa. Neste contexto, surge a curiosidade de compreender como uma criança pode aprender uma nova língua e desenvolver as habilidades linguísticas nos primeiros anos de vida.

Busca-se, desse modo, identificar se esse aprendizado pode ser benéfico para as crianças ao ser vivenciado ainda durante a primeira infância, esclarecendo dúvidas recorrentes sobre essa temática e buscando desvendar mitos relacionados à temática, pois ainda é comum haver a ideia de que aprender uma segunda língua na primeira infância pode ser prejudicial quanto à aprendizagem da língua materna, e, portanto, o ensino da Língua Inglesa na educação infantil é visto como secundário e insignificante.

O interesse pela temática surgiu pelo contato e encantamento da autora com a Língua Inglesa desde seus 3 anos de idade, com o início da vida escolar. Com o passar do tempo e interesse pela Pedagogia, surgiu a oportunidade de ser instrutora da língua em questão em uma escola de idiomas na cidade de Farroupilha, Rio Grande do Sul, atendendo turmas de diversas idades, mesmo com preferência pelo ensino de crianças pequenas. Durante essa experiência, tornou-se rotina a observação pelo interesse e facilidade dos menores no decorrer das aulas.

Percebendo a realidade e procurando desenvolver as capacidades dos alunos de forma lúdica, no que tange ao aprendizado de uma segunda língua na infância, constata-se o surgimento de muitos questionamentos, tais como a melhor idade para o início da aprendizagem de uma segunda língua, ou ainda, as vantagens de aprendê-la e como essa aprendizagem pode afetar o desenvolvimento cognitivo e as relações sociais e interpessoais das crianças. Dessa forma, o presente artigo aborda os aspectos pedagógicos influenciados pelo bilinguismo e objetiva investigar como a aquisição de uma segunda língua afeta no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças.

2 DESENVOLVIMENTO



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

As crianças ocuparam diferentes papéis na história da humanidade e, apenas nos séculos XIX e XX passaram a ser compreendidas como seres que necessitavam de um espaço para se desenvolverem antes do ingresso à vida adulta. Foi nesse contexto que surgiram as escolas. Desde então, as crianças receberam espaço central na sociedade e passou-se a estudar muito sobre as formas como elas aprendem e a importância de determinados aprendizados.

Além disso, também a aquisição de linguagens vem sendo estudada há décadas. Nesse período de estudos surgiram muitas teorias que buscam analisar como uma criança compreende e reproduz vocabulário e frases aprendidas em sua língua materna e em uma segunda língua. Com isso, e considerando a globalização, que se refere à expansão mundial dos âmbitos culturais, políticos e econômicos, conhecer e dominar uma segunda língua tornou-se essencial para o desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional na sociedade atual.

Desse modo, em anos mais recentes, houve um crescimento no número de pais de crianças bem pequenas e pequenas que passaram a buscar instituições de ensino que pudessem proporcionar a elas, ainda na primeira infância, este contato plurilinguístico, bem como o crescimento de escolas bilíngues e de idiomas (MARTINS; LIMA, 2021). Ademais, os progressos da área da neurociência e pesquisas relacionados à linguística proporcionam uma compreensão mais aprofundada do fenômeno do bilinguismo e de como a aquisição de uma segunda língua (L2)³ ocorre no cérebro.

Considerando a temática do estudo, o bilinguismo é uma situação linguística em que duas línguas coexistem na mesma comunidade ou em que um indivíduo demonstra capacidade gramatical e comunicativa em mais de uma língua (DIAS; MUNER, 2019). É importante também considerar que a experiência do bilinguismo envolve diversos fatores, como bem expostos por Flory e Souza:

Bilinguismo representa uma infinidade de quadros diferentes, os quais remetem à esfera social, política, econômica individual, à aceitação e valorização de cada uma

³ Língua aprendida após a primeira língua ou língua materna (L1).



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

das línguas faladas e das culturas com as quais se relacionam, à exposição e experiência com a língua, entre outros fatores (FLORY; SOUZA, 2009, p. 28 apud DIAS; MUNER, p. 235).

Outrossim, o ensino de outro idioma além da Língua Portuguesa nas escolas brasileiras tem início na primeira infância apenas em instituições privadas. Nas instituições públicas, o ensino de inglês passa a acontecer apenas nos Anos Finais do Ensino Fundamental, como apresentado na BNCC (2018): “[...] a área de linguagens é composta pelos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental - Anos Finais, Língua Inglesa.” Ainda conforme o documento,

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias [...] Em que pese as diferenças entre uma terminologia a outra, suas ênfases, pontos de contato e eventuais sobreposições, o tratamento dado ao componente na BNCC prioriza o foco da função social e política do Inglês e, nesse sentido, passa a tratá-la em seu *status* de língua franca. (BRASIL, 2018, p. 241)

Porém, por ser uma experiência iniciada apenas no 6º ano, as crianças são expostas a uma carga horária menor de experiências, vivências e exposição à língua estrangeira, desconsiderando o desenvolvimento facilitado da aquisição precoce.

No Brasil, quando se aborda a temática segunda língua, imediatamente se pensa na Língua Inglesa, que de acordo com um diagrama publicado pelo Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política e Linguística (2020), é a língua mais falada no mundo, com mais de 1 bilhão de falantes entre nativos e estrangeiros, e domina grande parte dos conteúdos aos quais somos expostos diariamente, como músicas, séries, vídeos, livros, artigos e tecnologias. Para mais, considerando a língua abordada como “língua universal”, é esta também a principal forma de comunicação utilizada para trocas comerciais internacionais, fazendo com que se reflita na busca da aquisição da linguagem:

Levar o indivíduo a desenvolver a competência comunicativa em língua inglesa, por exemplo, está em total conformidade com o foco do ensino de línguas estrangeiras que, no momento presente, está colocado na comunicação, na troca de informações



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

em âmbito global, resultado dos efeitos dos fenômenos de internacionalização e globalização da economia em todas as instâncias da sociedade. (BERGUER, 2005, p. 32).

De acordo com Papalia e Feldmann (2013), a linguagem é um ato social. Para além do mecanismo biológico e capacidade cognitiva, faz-se necessária a interação com um locutor. É esse espaço que ocupa o educador nas escolas bilíngues⁴ ou escolas de idiomas⁵ no Brasil. Parte do professor, a partir da abordagem utilizada, proporcionar à criança espaço para reconhecer e se utilizar do novo vocabulário em aprendizagem, compreendendo e se expressando também a partir da segunda língua. Para Martins e Lima (2021 p.370) “[...] o objetivo não é que dominem regras formais de escrita e gramática, pois a Educação Infantil não deve ter como objetivo a alfabetização [...]”, mas antes, desenvolvam habilidades e competências, considerando o bilinguismo como uma ferramenta adicional para o desenvolvimento cognitivo nos primeiros anos de vida.

Sabe-se que na primeira infância, a escola é um ambiente lúdico de aprendizado, desenvolvimento linguístico e interações. É desta forma que a criança se entende como um ser no mundo, percebe que convive com diversos seres vivos e fatores do ambiente e está em constante socialização, se utilizando de diversas linguagens (verbais e não verbais) para se comunicar com os outros. Portanto, é fundamental considerar que “o lúdico é essencial na educação infantil.” (MARTINS; LIMA, 2021, p. 374) e que é a partir de experiências e brincadeiras significativas que a criança se desenvolve e aprende, principalmente nesta etapa escolar.

De acordo com Dias e Muner (2019) o cérebro infantil apresenta maior flexibilidade e realiza muitas conexões neuronais, responsáveis pela interação e desenvolvimento da criança no mundo, tornando a aprendizagem mais rápida e fácil. Ainda para Dias e Muner (2019), crianças que estão adquirindo conhecimentos relacionados a uma segunda língua na primeira infância são estimuladas e desenvolvem mais precocemente alguns processos

⁴ Escola formal que possui dois idiomas em todo o contexto escolar.

⁵ Escola onde se estuda apenas uma língua estrangeira, caracterizadas como suplementares à educação formal.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

linguísticos e cognitivos quando comparadas às crianças monolíngues na mesma faixa etária. Isso ocorre devido a plasticidade cerebral durante os primeiros anos de vida das crianças.

Conforme testagens feitas por Brentano e Finger (2010), citados por Dias e Muner (2019), as crianças em contexto bilíngue apresentam maior facilidade e rapidez relacionadas às habilidades metalinguísticas e maior controle cognitivo de processos linguísticos que crianças em contexto monolíngue, demonstradas na facilidade e rapidez na produção de estruturas passivas⁶.

Presente na maioria dos artigos e estudos relacionados ao bilinguismo, uma importante função desenvolvida pelas crianças em contato com duas línguas é o controle inibitório, que se refere à capacidade de controlar pensamentos, ações e falas, evidenciando as relevantes. Citadas por Dias e Muner (2019), as autoras Krames e Saldanha (2015) afirmam que esse desenvolvimento é acelerado, o que pode ser explicado pela necessidade de inibição de uma das línguas faladas na utilização da outra.

Dentre as diversas vantagens cognitivas da aquisição de uma segunda língua precocemente, está a facilidade de perceber sons distintos, não comuns na língua materna. Nessa faixa etária a criança "mantém a habilidade de expandir seu sistema fonológico, podendo ser enriquecido por fonemas de línguas estrangeiras com as quais vier a ter contato" (PINTO, 2008, p. 8). Um exemplo disso é o fonema /*th*/ do inglês. Não presente na língua portuguesa, ele está presente em palavras comuns daquela língua, tais como *thumb* (dedo polegar), *mouth* (boca) e *thanks* (obrigado). Reconhecê-lo e saber reproduzi-lo proporciona maior fluência e pronúncia mais precisa.

Assim, aprender o segundo idioma na primeira infância tem o potencial de promover maior flexibilidade cognitiva, já que a exposição a diferentes estruturas gramaticais estimula as crianças a alternar entre diferentes sistemas linguísticos. Tal desenvolvimento linguístico pode levar a uma maior fluência e proficiência a longo prazo. Também a memória e

⁶ Oração complexa em que o sujeito recebe a ação.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

criatividade são afetadas positivamente, pois estimulam a retenção de informação e a resolução de problemas linguísticos, o que colabora na redução do declínio de funções executivas que acontecem com o normal envelhecimento.

Para Chin e Wigglesworth (2007) citados por Dias e Muner (2019), a concepção sobre bilinguismo era, inicialmente, predominantemente negativa, pois acreditava-se que poderia confundir a criança em desenvolvimento da língua materna. Hoje, percebe-se que as pesquisas foram potentes meios de transformação do pensamento, visto que compreende-se que os efeitos decorrentes do bilinguismo são positivos. Porém, apesar do avanço da popularidade e dos estudos relacionados ao bilinguismo, muitas controvérsias e mitos ainda são propagados, tais como, o aprendizado de outra língua pode prejudicar a aquisição da língua materna, que confunde as crianças, ou que se torna “pesado” para elas por ser considerado como um aprendizado difícil.

3 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Nele realizam-se interpretações subjetivas sobre o que já foi constatado por outros autores e pesquisadores sobre a temática escolhida. Dessa forma, buscou-se analisar, reconhecer e refletir acerca de abordagens sobre aquisição de uma segunda língua na infância, voltado especialmente para a Língua Inglesa.

Segundo Lima e Miotto (2007), as pesquisas de ciências humanas têm preferência e maior procura por pesquisas de natureza qualitativa, pois propicia reflexões mais amplas. Por possibilitar uma imensa variedade de materiais e abranger as mais diversas teorias, de acordo com Martins (2004), a abordagem qualitativa exige do pesquisador capacidade integrativa e analítica. A partir da escolha e leituras dos artigos desenvolve-se o projeto que permite ao pesquisador uma proposta mais ampla, promovendo a possibilidade de expansão da criatividade e colaborando na compreensão do objeto de estudo.

Com a decisão pela pesquisa qualitativa e bibliográfica, a seguinte etapa se caracteriza pelo levantamento de materiais bibliográficos. Neste momento, explora-se e analisa-se os



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

materiais escolhidos na formulação da pesquisa, podendo ser livros, documentos e textos, o que caracteriza a pesquisa qualitativa de natureza básica. Essa abordagem valoriza a imersão em um contexto específico, permitindo a coleta de dados por meio de análise de documentos. A pesquisa em questão foi composta pela análise de artigos científicos publicados na plataforma de periódicos da CAPES⁷ (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Conforme mencionado anteriormente, o procedimento metodológico da pesquisa é bibliográfico, a partir da revisão de estudos, teorias e conceitos relevantes, fornecendo um contexto mais amplo e auxiliando na interpretação dos dados coletados. Este foi o procedimento escolhido pois a combinação entre pesquisa qualitativa e procedimento bibliográfico permite uma compreensão mais abrangente e aprofundada do fenômeno em estudo.

Após o acesso ao portal de periódicos da CAPES, buscou-se artigos relacionados à temática *Bilinguismo infantil*; *Bilinguismo e educação infantil*; *Língua Inglesa e Primeira infância*, utilizando-se estas palavras como descritores para a realização da busca. Os critérios utilizados para a seleção de materiais foram: abordagem da temática em questão, especificamente relacionado ao bilinguismo na primeira infância ou etapa escolar da Educação Infantil; obras recentes, isto é, escritas nos últimos cinco anos e; abordagem do bilinguismo nas línguas portuguesa e inglesa;

Mesmo com esses critérios, após a análise, artigos que abordaram o bilinguismo envolvendo outras línguas como LIBRAS, japonês, espanhol, alemão, e não especificamente inglês, estudos de caso, bilinguismo em escolas indígenas, além de outros que divergiam na temática de alguma forma, foram excluídos. Com isso, ao buscar a expressão *Bilinguismo infantil*, surgiram 81 resultados. Em *Bilinguismo e Educação Infantil*, 24 resultados. Em *Língua Inglesa e primeira infância* foram encontrados 8 artigos. A partir da leitura dos títulos e resumos, muitos artigos foram excluídos já nessa etapa. Desse

⁷ Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php>. Acesso em 23 ago. 2023.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

modo, inicialmente, 11 artigos foram mantidos. Após a observação mais detalhada e leitura inicial, restaram 3 artigos, que foram considerados suficientes, apropriados e com abordagens que pudessem agregar à pesquisa. As obras selecionadas foram lidas e analisadas com maior atenção, e seus dados de identificação organizados em formato de tabela, que se apresenta a seguir:

Tabela 1: Artigos analisados

Título	Autores	Ano	Periódico	Palavras Chaves
Inglês na primeira infância: educação bilíngue no Brasil (English in early childhood: bilingual education in Brazil)	Giovana Maria Carvalho Martins e Thereza Cristina de Souza Lima	2021	Revista Linguística Volume 17. Número 2. P. 367-380. Maio - Ago. 2021	Educação Infantil. Bilinguismo. Ensino de Inglês. Desenvolvimento Infantil.
Os benefícios do bilinguismo para o desenvolvimento cognitivo infantil em crianças de dois a seis anos	Isabelle Almeida Dias e Luana Comito Muner	2019	Revista AMAzônica, LAPESAN/GMPEP PE/UFAM/CNPq/ED UA Ano 12, Vol XXIII, Número 1, jan-jun, 2019, Pág.230-246.	Bilinguismo. Desenvolvimento Cognitivo. Aprendizagem.
Metodologia montessoriana e bilinguismo: aproximações para a práxis pedagógica	Rogério Lobo Sáber e Anita Borges Silveira	2022	Revista Educação em Foco. Vol. 27, Fluxo Contínuo, 2022	Maria Montessori; metodologia Montessori; bilinguismo; períodos sensíveis.

Fonte: Produção dos autores (2023).

4 ANÁLISES

4.1 Melhor idade para começar a aprender uma segunda língua



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

A fim de encontrar resposta para essa indagação, foram analisados os três artigos incluídos na pesquisa, que abordam de forma atual os questionamentos levantados. Entre os autores analisados, é consenso que a primeira infância, período que compreende os seis primeiros anos da vida de uma criança, carrega uma enorme potencialidade no campo das linguagens, o que é confirmado por muitas teorias e pesquisas, que também evidenciam a capacidade do cérebro infantil nessa fase, pois apresenta maior flexibilidade e realiza inúmeras novas conexões neuronais (DIAS E MUNER, 2019).

Martins e Lima (2021, p. 368), autoras do primeiro artigo analisado, por exemplo, ao compararem a Primeira Infância a um terreno fértil para o estímulo e desenvolvimento infantil, afirmam que: “[...] considerando, ao mesmo tempo, a importância de aprender Inglês não apenas no contexto sociocultural atual, mas levando em conta o fato de que a primeira infância é terreno fértil para o estímulo e o desenvolvimento infantil.”

Por sua vez, Sáber e Silveira, autores do terceiro artigo, afirmam que

Durante o primeiro estágio da vida de uma criança, a mente absorvente tem um enorme potencial no desenvolvimento, e os períodos sensíveis de cada indivíduo podem explicar por que determinadas habilidades – tais como a linguagem e o movimento – são adquiridas com mais facilidade. (SÁBER; SILVEIRA 2022, p. 6).

Dias e Muner (2019, p. 233), autoras do segundo artigo investigado, complementam, citando a teoria de Piaget (1970), ao afirmarem que “o surgimento da linguagem ocorre apenas no período representativo, em torno dos dois anos de idade”. É relevante considerar-se que, nesse período, a criança iniciará a verbalização de vocativos, objetos e expressões em seu idioma materno, mas também pode se utilizar do segundo idioma. Desse modo, é oportuno que ela possa ter contato com ambos, podendo reconhecer e se expressar a partir de diversas formas de linguagem, mesmo sem saber diferenciá-las. O contato com a língua materna se dá de forma rotineira, como parte da vida da criança e o



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

contato com a segunda língua pode se dar através de brincadeiras, jogos, apresentação de objetos simples, livros, contações de histórias e desenhos.

Martins e Lima (2021, p. 371) reafirmam o que foi apresentado em seu artigo, ao abordarem a teoria de Chomsky (1965) ao afirmarem que “as crianças devem ser expostas à língua estrangeira o mais cedo possível”. Sáber e Silveira reforçam esta ideia ao declararem que

[...] a idade de imersão das crianças na L2 e sua exposição precoce ao segundo código linguístico permitem que existam experiências positivas no desenvolvimento cognitivo, social e neuropsicológico do indivíduo, e esses aspectos confirmam a hipótese de uma vantagem das crianças bilíngues quando comparadas às crianças monolíngues. (SÁBER; SILVEIRA, 2022, p. 9).

Verifica-se assim que além da exposição em momentos rotineiros e em casa, caso os pais incentivem, também é importante o contato em espaços escolares. Atualmente, já na etapa creche, em diversas escolas privadas de Educação Infantil e/ou espaços de turno integral, há momentos com a língua inglesa. As autoras, ao analisarem turmas de crianças de 1 a 3 anos com este contato, perceberam que as crianças já se apropriam de termos cotidianos e se utilizam deles com naturalidade, mesclando as línguas em frases.

Também percebe-se o mesmo acontecer na experiência de sala de aula com crianças pequenas ao se referirem a cores (“minha *favourite colour* é azul, o *blue*”), números (“quero *three* bolinhas”), ao observar o tempo (“hoje está *sunny/raining/cold*”) e ao compreenderem a rotina em sala de aula, cantando músicas de “*Hello*”, “*Bye bye*” e “*Tidy up*”. Esta prática é defendida por Isaacs (2015), citado por Sáber e Silveira (2022), ao mencionarem o livro *Bringing the Montessori Approach to your early Years Practice*, reforçando a importância de um amplo vocabulário de palavras significativas à realidade da criança.

Com o passar do tempo, a prática e a interação com a L2, essa etapa em que se constatava ser comum haver mesclagem entre as línguas com as quais a criança tem



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

contato, explicada pelo conforto possibilitado pela língua materna e a falta de amplo vocabulário, é superada. Nesse momento de perceptível desenvolvimento linguístico, a linguagem já está consolidada e a mescla tende a desaparecer tão logo a criança vá tornando-se proficiente na língua oral. Porém, mesmo quando mescla língua materna e segunda língua, a criança está vivenciando uma educação bilíngue, já que “a aquisição de uma L2 corresponde à proficiência gramático-discursiva em uma língua não nativa, respeitados o período de maturação do aprendiz, bem como suas condições cognitivas, sociais, psico e neurolinguísticas envolvidas” (HERSCHENSOHN; YOUNG-SCHOLTEN, 2013, p. 3 apud SÁBER; SILVEIRA, 2022, p. 2)

Ademais, é notório na prática escolar que a procura por escolas de idiomas vem crescendo nos últimos anos, e acontece próxima aos 4 anos de idade. Os pais compreendem que nessa idade as crianças têm domínio da língua portuguesa, o que, para eles, facilitaria a aprendizagem da Língua Inglesa. Em sala de aula, a partir dos três anos as crianças demonstram interesse e facilidade com a segunda língua, reconhecendo vocabulários através da compreensão oral e desenvolvendo inclusive pequenas sentenças como “*This is a dog*”, “*I have a cat*”.

Por conseguinte, é consenso entre os autores estudados que a compreensão de que a criança pode estar exposta a diferentes línguas desde bebê. Também compreende-se dessa forma que não há idade exata para que ela esteja em contato com a língua inglesa, mas quanto antes, maior será a facilidade no desenvolvimento da fluência. Pode-se considerar portanto que as idades abrangidas na primeira infância constituem o melhor período para esta iniciação, sendo ela no ensino formal, já na escola, ou anteriormente, a partir da exposição iniciada pelos pais ou responsáveis, uma vez que, conforme as autoras do primeiro artigo analisado, ao citarem Santos, Porto e Lerner (2014),

A criança começa a aprender desde o momento em que nasce, e o meio em que ela se insere tem muita influência em seu processo de aprendizagem, pois ela aprende no contexto de seus relacionamentos com as pessoas ao redor (MARTINS; LIMA, 2021 p. 369)



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

A participação familiar é extremamente relevante neste processo, já que a forma com que a família se relaciona com a língua é importante para o desenvolvimento da criança, sendo necessário que o incentivo e espaço para que a criança explore a segunda língua em casa seja espontâneo. Mesmo com pais não falantes de L2, é essencial que a criança seja encorajada e sejam criadas oportunidades para que ela se utilize do novo vocabulário e desta forma também compreenda “em quais situações sociais é adequado que utilize determinada língua” (MOZZILLO, 2015 apud MARTINS; LIMA, 2021 p. 372).

Assim sendo, os autores dos artigos analisados remetem ao período da primeira infância o tempo de melhor proveito na assimilação de idiomas, ainda que citando diferentes metodologias, mas todas se referindo ao contato e à experimentação nessa etapa inicial da vida. Isto posto, a partir da análise realizada, é possível afirmar que a melhor idade para iniciar o aprendizado de línguas é até os 6 anos de idade. Na seção a seguir, serão abordadas as vantagens específicas desse processo.

4.2 Segunda língua na infância: ganhos

Ao adquirirem outra língua em concomitância com a materna, as crianças não demonstram sentir vergonha ou obrigação de aprender a gramática precisamente correta e não se incomodam em errar, já que ainda estão em processo de aquisição da própria língua. Elas desenvolvem com mais facilidade a comunicação em seus pares, principalmente quando organizados em pequenos grupos. Em sala de aula, é perceptível o quanto o trabalho em duplas ou trios é benéfico e a forma com que eles se comunicam e se utilizam da L2, inclusive colaborando com o aprendizado uns dos outros e se corrigindo com naturalidade.

Para Martins (2007, p. 28), de acordo com Martins e Lima (2021, p. 373), autoras do primeiro artigo analisado,

a criança bilíngue pode adotar, para a apreensão da segunda língua, um processo de assimilação parecido com o de sua língua materna, com interações sociais com adultos e outras crianças, e essas interações são, em escolas bilíngues, mediadas



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

e tornadas significativas através do brincar, de contação de histórias, do faz de conta (MARTINS *apud* MARTINS; LIMA, 2021, p. 373).

Essas mesmas autoras complementam, ao afirmarem que “é muito significativo o fato de as crianças “terem tempo” de aprender inglês por meio de brincadeiras [...]. Não há sentimento de vergonha ou a obrigação de aprender gramática de maneira exemplar, já que as crianças ainda estão em processo de aprender sua própria língua materna. (MARTINS *apud* MARTINS; LIMA, 2021, p. 376).

Ou seja, para as autoras, as rotinas das crianças acolhem o novo idioma e as escolas, informalmente e de forma divertida, inserem esta habilidade, o que é diferente em relação aos adultos, que iniciam este aprendizado objetivando fluência com rapidez, com diversas cobranças a fim de obter avanços, principalmente no meio profissional. Por sua vez, as crianças não são cobradas com relação a regras gramaticais e podem aprender de forma leve e no seu tempo.

Na experiência da autora deste artigo, é perceptível o quão prazeroso é para crianças pequenas descobrirem um novo vocabulário a partir de uma “*treasure hunt*”, em que são desafiados a encontrarem objetos pelo espaço escolar; de um “*memory game*”, que pode ser feito apenas de imagens e o objetivo é encontrar o par, verbalizando as características de cada um deles; de músicas; danças; atividades que promovem movimentação corporal; “*mime game*”, em que podem imitar ações, animais, e tudo que a imaginação proporcionar; guias com venda para praticar a habilidade da escuta e outras inúmeras possibilidades de brincadeiras. Ademais, também é pela experiência que as crianças aprendem significativamente, aspecto defendido por diversos autores ao estudarem ensino e aprendizagem, e deve ser prazeroso em qualquer linguagem.

Martins e Lima (2021, p. 375) também afirmam, baseados no *British Council*⁸, que “o bilinguismo na primeira infância pode ser associado à facilidade de aprender outros novos

⁸ Organização internacional do Reino Unido para relações culturais e educacionais.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

idiomas ao longo da vida. Quando a segunda língua vem de forma natural, a aprendizagem de outras pode ser facilitada”.

Por seu turno, Sáber e Silveira (2022), acerca dos benefícios dessa aprendizagem, complementam, ao afirmarem que:

A anatomia do cérebro de um indivíduo bilíngue e a relação entre ele e a plasticidade cerebral (ou neuroplasticidade) podem ser consideradas fatores contribuintes para fortalecer a ideia de que o bilinguismo é vantajoso. O prefixo “neuro” refere-se aos neurônios - células do sistema nervoso que levam informações até o corpo todo -, e “plasticidade”, à maleabilidade e a capacidade do cérebro de se adaptar a estímulos e a novas estruturas neuronais (SÁBER; SILVEIRA, 2022, p. 9).

Dias e Muner (2019) também dão destaque para a questão neurológica, ao afirmarem que o cérebro infantil possui flexibilidade diferenciada para a aprendizagem, o que possibilita que a aprendizagem seja mais rápida e fácil. Ainda de acordo com as autoras, (2019, p. 242): “nos aspectos apresentados observa-se que as vantagens de uma educação bilíngue desde a infância trazem benefícios que se estendem para o decorrer da vida adulta e velhice, ultrapassando o período da primeira infância.”

Logo, para além de afirmar que há benefícios, os autores das obras analisadas especificam o funcionamento cerebral, reafirmando a importância desse aprendizado na infância. A análise destacou que o cérebro das crianças bilíngues demonstra uma notável flexibilidade para a aprendizagem e enfatiza a neuroplasticidade neste período da vida, que se refere à capacidade do cérebro de se adaptar a novos estímulos e estruturas neuronais, o que torna a aquisição de idiomas mais rápida e eficaz. Esses aspectos neurológicos, enfatizados pelos autores, corroboram a ideia de que o bilinguismo na primeira infância proporciona vantagens imediatas, mas também estabelece bases para uma habilidade contínua de aprender a se comunicar em diferentes idiomas ao longo da vida.

Dessa forma, os autores dos artigos analisados evidenciam, a partir de suas pesquisas, os benefícios que a L2 promove no decorrer da vida, e não apenas relacionada a ela, mas também com relação a facilidade em aprender outros idiomas. Exemplo disso é que Sáber e Silveira (2022), citando Susan Perri (2013), afirmam que “crianças em contato



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

com uma L2 antes dos cinco anos possuem a massa cinzenta maior e mais visível do que indivíduos que se tornam bilíngues após essa idade." E, caso adquira mais de uma língua, é essencial afirmar que o falante seguirá transitando entre elas e as utilizando corretamente de acordo com o meio social em que se encontra, o que acontece por intermédio do controle inibitório⁹.

Acerca da pronúncia da fala em língua inglesa, as autoras Dias e Muner (2019) afirmam que a criança que aprende uma segunda língua ainda nos primeiros anos de vida possui a chance de apresentar uma pronúncia e conhecimento gramatical comparado a de um nativo, o que é corroborado por Martins e Lima (2021, p. 375), ao afirmarem que: "crianças pequenas que adquirem uma língua ao invés de aprendê-la conscientemente, como crianças mais velhas e adultos fazem, são mais propensas a terem uma pronúncia melhor e um sentimento pela língua e pela cultura".

Apenas as autoras Sáber e Silveira (2022, p. 8) não dissertam em seu artigo especificamente sobre pronúncia, porém afirmam que "adquirir uma segunda língua afeta o desenvolvimento linguístico, neuropsicológico, cognitivo e sociocultural do indivíduo, e a aquisição precoce de uma L2 é extremamente vantajosa na vida da criança."

Dessa maneira, compreende-se que um aspecto forte e positivo da aquisição da L2 na primeira infância é a facilidade de aprender e reproduzir sons distintos, não utilizados na língua materna. Bebês recém nascidos são capazes de produzir sons de qualquer idioma, diferenciando fonemas, se estimulados. Por ainda não terem desenvolvido padrões de linguagem, as crianças "mantêm a habilidade de expandir seu sistema fonológico, podendo ser enriquecido por fonemas de línguas estrangeiras com as quais vier a ter contato." (PINTO, 2008, p. 8). Sendo assim, possui mais facilidade do que os adultos para pronunciar palavras consideradas difíceis, e, portanto, reproduzir com facilidade expressões muitas vezes evitadas, ampliando o vocabulário e a fluência.

⁹ Capacidade de inibir ou controlar respostas impulsivas.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

4.3 Segunda língua: desenvolvimento cognitivo e as relações sociais e interpessoais das crianças

Os humanos convivem em sociedade desde o início de sua vida. É nessa vivência que desenvolvem habilidades, aprendem as regras comportamentais do espaço em que estão inseridos e se tomam parte da construção da realidade, fazendo parte de uma cultura e dela se apropriando a partir da experiência. Há diversas formas de compreender e estar em contato com outras culturas, sendo uma das principais a linguagem.

Quando se desenvolve uma linguagem, muito se aproxima das marcas históricas e linguísticas de uma determinada sociedade. Dessa forma também é desenvolvida a sensação de pertencimento ao interagir, assistir e escutar outros indivíduos que se utilizam da L2, além de promover empatia cultural ao passo que compreende amplamente o mundo e os diferentes modos de vida.

Dias e Muner (2019, p. 237) afirmam, baseados em uma pesquisa realizada por Rubio-Fernandez e Glucksberg (2012) que “outro benefício precoce seria o maior grau de empatia encontrado em bilíngues”, associado ao aprimoramento do controle executivo, que colabora na inibição do próprio bem-estar e comportamento, projetando a perspectiva do ponto de vista do outro. As autoras (2019, p. 235) ainda complementam, afirmando que “é notório que a aprendizagem de uma segunda língua garante o conhecimento de novas culturas, novas histórias, e ajuda a entender outras pessoas e seu modo de viver.”

Ademais, a barreira que mais dificulta a compreensão de outras culturas e desenvolvimento pessoal e profissional como possibilidades de melhores cargos e viagens, é a não compreensão do idioma. Pensando na Língua Inglesa como L2, essa barreira diminui significativamente, posto ser considerada a língua universal, falada e compreendida em praticamente qualquer lugar do mundo. Além de que, “relacionado ao aspecto social, o benefício encontrado é a capacidade de o indivíduo possuir códigos linguísticos diferentes, o que proporciona a ele a oportunidade de interagir com o mundo de uma forma diferenciada”, apontam King e Mackey (2007), citados por Dias e Muner (2019, p. 238).



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

Ainda sobre relações interpessoais, Martins e Lima (2021, p. 370) afirmam, citando Vian Jr, Weissheimer e Marcelino (2013) que: “[...] a emergência de um mundo cada vez mais globalizado e conectado, em que a habilidade de dominar diversas línguas passa a ser necessário para que o sujeito possa se inserir neste mundo, sobretudo no mercado de trabalho e nas relações interpessoais”.

Já Sáber e Silveira (2022), indo um pouco além no tópico e envolvendo o tema relações interpessoais, bem como, aprofundando o conceito da metodologia abordada no artigo, afirmam que a criança bilíngue, além de conseguir manter conversas cotidianas informais, também estará apta a utilizar uma linguagem mais academicizada, segundo suas palavras, que possibilita ao indivíduo discutir ideias mais abstratas, ainda que em contextos mais formais de interação social. Conseqüentemente, conforme esses autores (2002), é preciso desenvolver com as crianças atividades que fomentem as habilidades cognitivas, tais como a compreensão, memória, ordenação, entre outras, que, caso sejam efetivadas e obtenham sucesso, a proficiência e as relações serão expandidas.

De modo geral, o bilinguismo afeta de forma positiva as relações sociais e interpessoais. É mais comum que crianças bilíngues tenham interesse por outras culturas e se sintam pertencentes ao mundo. Não há barreiras emocionais e linguísticas que as influenciem negativamente e com a experiência linguística podem acessar com facilidade e compreender obras, livros, vídeos, mídias sociais, filmes e demais conhecimentos que o mundo globalizado disponibiliza. Conforme anteriormente citado, esse aprendizado promove engajamento dos alunos nesse mundo globalizado e plural com fronteiras difusas (BRASIL, 2018, p. 241).

Os artigos analisados reforçam, de maneira contundente, a constatação dos benefícios no desenvolvimento global das crianças, o que inclui, além dos aspectos cognitivos, sociais e neuropsicológicos, o que abrange também o aspecto socioemocional, como no trecho a seguir, de Sáber e Silveira (2022):

[...] a idade de imersão das crianças na L2 e sua exposição precoce ao segundo código linguístico permitem que existam experiências positivas no desenvolvimento



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

cognitivo, social e neuropsicológico do indivíduo, e esses aspectos confirmam a hipótese de uma vantagem das crianças bilíngues quando comparadas às crianças monolíngues. (SÁBER; SILVEIRA, 2022, p. 9).

Martins e Lima (2021) também reforçam a ideia de desenvolvimento global, ao afirmarem sua defesa do ensino bilíngue, não apenas em virtude de questões socioeconômicas decorrentes da proficiência em Inglês atualmente, também no que tange ao desenvolvimento global da criança e todas as habilidades que o domínio dessa segunda língua pode proporcionar.

No ponto de vista emocional, aprender uma nova língua pode aumentar a autoconfiança das crianças à medida que começam a compreender e dominar novas habilidades linguísticas. Passam a sentir pertencimento ao interagirem, assistirem ou escutarem outros indivíduos que falam essa língua. Também assim é desenvolvida a empatia cultural, compreendendo amplamente o mundo e os diferentes modos de vida.

Outrossim, muito se questiona sobre como essa aquisição afeta o desenvolvimento cognitivo das crianças. Ele está relacionado à capacidade de compreender e obter informações e pode ser incentivado de inúmeras formas, inclusive com a linguagem. Para Sáber e Silveira (2022, p. 9), “[...] o desenvolvimento da criança dentro de um contexto bilíngue apresenta vantagens significativas no desenvolvimento cognitivo, especialmente no que diz respeito à atenção realizada durante uma atividade específica e à proficiência na comunicação [...]”.

Dias e Muner (2019) reforçam essa ideia, citando outro autor: “David (2016) também afirma [que] dentre estas vantagens pode-se citar sobre a atenção, especificamente nos níveis de processamento globais de eficiência, tempo de resposta e precisão [...]”. Ou seja, os bilíngues ativam as duas línguas simultaneamente, respondendo a ambas com rapidez e precisão, além de a memória o ajudar em situações que requerem maior atenção e para a tomada de decisões.

Assim sendo, esses autores confirmam diversos benefícios no âmbito cognitivo. Para falar uma língua, desenvolve-se a memória, pois torna-se necessário lembrar de diversas



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

palavras e expressões. Quando a língua falada não é a materna, é ainda mais importante que sejam feitas associações para que esse vocabulário seja lembrado. Durante momentos de diálogo, por exemplo, é essencial que se lembre com rapidez das palavras e estruturas, e isso acontece naturalmente com a prática e o contato. Afirma Madruga (2015), citado por Dias e Muner (2019):

As três dimensões das funções executivas estão relacionadas a um mesmo agrupamento de regiões cerebrais, por isso são habilidades inter-relacionadas de tal forma que o desempenho de uma habilidade afeta diretamente o da outra. A autora aponta que crianças expostas a mais de uma língua possuem desempenho melhor no controle inibitório e na memória de trabalho, o que conseqüentemente afetará o desempenho da flexibilidade cognitiva, que é a capacidade de mudar o curso do pensamento e a forma de agir, tentar resolver um problema de um modo diferente e criativo (MADRUGA, 2015 *apud* DIAS e MUNER, 2019, p. 236).

Estas funções executivas permitem que o sujeito concentre sua atenção em informações, organize suas ideias, planeje e resolva problemas. Essas habilidades estão relacionadas à “[...] neuroplasticidade, a qual consiste na capacidade do cérebro de se adaptar e sofrer modificações mediante a estímulos externos.” (MORAIS; COSTA, 2020. p. 4). Os autores também afirmam que o fenômeno da neuroplasticidade ocorre por toda a vida, porém, é mais intenso nas crianças. Desta forma, reafirmam a importância de incentivos como o contato com uma segunda língua e os benefícios trazidos por ela do ponto de vista neurológico.

Conclui-se, a partir desta análise, que os autores defendem posicionamentos análogos quanto a ensino e aprendizagem relacionado ao Inglês-Português na primeira infância, além de fundamentarem tais posições em bases sólidas de pesquisa e conhecimento. Eles enfatizam a importância de um ambiente educacional que permita que as crianças se apropriem do novo idioma com naturalidade e ludicidade, sem pressão de conformidade gramatical rígida e destacam a influência positiva dessa habilidade a longo prazo. A convergência de ideias dos autores analisados reforça o entendimento de que o aprendizado de uma segunda língua na infância é uma prática pedagógica positiva que estimula o potencial cognitivo do sujeito, enriquece a sua comunicação, fortalece aspectos



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

cognitivos como a memória e concentração, além de promover questões sociais e emocionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática do bilinguismo vem sendo abordada e mencionada em espaços escolares com mais frequência nas últimas décadas. Com essa popularidade, muitas inquietações recebem mais adeptos na comunidade escolar e nos estudiosos das áreas de linguagens e pedagogia. A fim de encontrar respostas para os questionamentos apresentados nesta pesquisa, buscou-se compreender a complexidade do processo de aquisição de uma segunda língua na infância e analisar seus benefícios.

A pesquisa respondeu aos questionamentos levantados, pois pode-se constatar as diversas vantagens presentes na exposição à uma segunda língua nos primeiros anos de vida de uma criança, perceptíveis no desenvolvimento global, e abrangendo aspectos cognitivos, sociais e emocionais, defendidos pelos autores cujos artigos foram analisados. É notório, portanto, que o tema estudado é relevante, pois tornou-se essencial na sociedade contemporânea.

A não oferta da Língua Inglesa nas escolas públicas nas etapas Educação Infantil e Ensino Fundamental - Anos Iniciais segue sendo um questionamento para possíveis objetos de pesquisas futuras. Entender os motivos que levam a isso e a percepção de professores da área com relação a essa falta poderiam render oportunas discussões sobre a temática, em busca de se compreender a relação entre a possível falta de professores de idiomas em específico no ensino público, ou se estão relacionadas a outras prioridades no ensino brasileiro, além de entender de que forma isso poderia prejudicar os alunos que estão matriculados em escolas públicas em comparação aos que têm essa área do conhecimento desde a Educação Infantil.

Em conclusão, a aquisição de uma segunda língua na primeira infância é um campo de estudos em constante evolução. Esta pesquisa ressalta a importância de reconhecer e valorizar o potencial das crianças na aprendizagem de outros idiomas em concomitância



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

com o materno, ou seja, desde a tenra idade. Investir em educação bilíngue e promover ambientes incentivadores à essa aquisição oportuniza um futuro mais diversificado e culturalmente enriquecedor. À medida que se estuda e compreende sobre esse processo, mais se contribui para o desenvolvimento de gerações mais interconectadas e culturalmente sensíveis em um mundo globalizado.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Maria Amália Façanha. *O Papel da Língua Inglesa no Contexto de Globalização da Economia e as Implicações do Uso das NTICs no processo de Ensino e Aprendizagem desse Idioma*. 2005. 146 p. Dissertação de Mestrado em Educação (Mestrado em Educação) - Educação, São Cristóvão, 2005.
- BRENTANO, Luciana de Souza. *Habilidades Linguística e Metalingüística diferenciadas no aprendizado em currículo bilíngue*. Revista Signo, Santa Cruz do SUL, v. 35, n. especial, p. 120-144, 1 jul. 2010. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/1815>. Acesso em: 20 set. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- Diagrama mostra as línguas mais faladas no mundo. *In: Diagrama mostra as línguas mais faladas no mundo*. Florianópolis/SC, 5 mar. 2020. Disponível em: <http://ipol.org.br/diagrama-mostra-as-linguas-mais-faladas-no-mundo/>. Acesso em: 10 maio 2023.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katál*, Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 3 abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2023.
- MORAIS, V. A. C. de; COSTA, F. L. P. da. Resenha do livro “O cérebro aprendiz – neuroplasticidade e educação”. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 10, p. 1–7, 2020. DOI: 10.35699/2237-5864.2020.21931. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/21931>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- DIAS, Isabelle Almeida; MUNER, Luana Comito. Os benefícios do bilinguismo para o desenvolvimento cognitivo e infantil em crianças de dois a seis anos. *Revista AMAzônica*, [s. l.], v. 23, ed. 1, p. 230-246, 1 jul. 2019. Disponível em:



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/5166/4133>. Acesso em: 23 ago. 2023.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; LIMA, Thereza Cristina de Souza. Inglês na primeira infância: educação bilíngue no Brasil. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 17, ed. 2, p. 367-380, 1 maio 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2021.v17n2a41517>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/41517/29997>. Acesso em: 23 ago. 2023.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. 12°. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PINTO, JULIANA SANCHES. *Aquisição de segunda língua na primeira infância*. 2008. 46 p. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Educação, Salvador, Bahia, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32595/1/AQUISI%C3%87%C3%83O%20DE%20SEGUNDA%20L%C3%8DNGUA%20%20NA%20PRIMEIRA%20INF%C3%82NCIA.pdf>. Acesso em: 1 maio 2023.

SÁBER, Rogério Lobo Sáber; SILVEIRA, Anita Borges. Metodologia montessoriana e bilinguismo: aproximações para a práxis pedagógica. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 27. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/36583/24955>. Acesso em: 23 ago. 2023.